

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Móveis e quadros

No setor de móveis modernos, este nosso amável bairro de Ipanema é o principal. Citarei apenas duas casas, o Teneiro e a Oca; há outras. E desde ontem mais uma, a FAI (Fátima Arquitetura de Interiores) que já existe em Copacabana e se inaugurou ontem na Visc. de Pirajá, lançando 3 novos desenhos: uma *bergère*, um pufe e uma cadeira de espaldar alto. Dois moços arquitetos, Guilherme Nunes e Sávio Visconti, são os fabricantes desses móveis de desenho bem imaginoso, mas em linhas sóbrias e fatura cuidada, tudo na base de jacarandá, couro, tecidos de algodão ou palhinha.

No setor da pintura, o bairro do momento é mesmo o Catete, onde vive e pinta Di Cavalcanti. A EdiarTE acaba de lançar um belo álbum de Di, com texto de Sérgio Milliet, comentários sobre os quadros de José Paulo Moreira da Fonseca. São onze pranchas e uma capa em cores, bastante bem reproduzidas, e o texto em português, francês e inglês. O herói-editor é Gilberto Chateaubriand, e o álbum custa 50 contos. Posso vos afirmar, como sócio de uma pequena editôra, que está baratíssimo, e que esse preço logo terá de ser reajustado. A distribuição da EdiarTE é que está ruim; aqui no Rio o álbum pode ser encontrado, que eu saiba, na Galeria Bonino e na Livraria Kosmos. Quem tiver 50 contos para dar um presente de Natal não encontrará nada de melhor e com o bom gosto.

A grande Garbo

Fui ver Greta Garbo na *Dama das Camélias*. Nunca fui

de seus apaixonados, embora ela brilhasse sobretudo na idade em que eu seria mais propício a tal. Sei lá, aquela mulher comprida e complicada me deixava meio intimidado e inquieto, eu preferia artistas imaginariamente mais abordáveis e de curvas mais evidentes. Tenho até inveja dos que a adoraram, como Carlos Drummond de Andrade; deve ser infernal ter amado loucamente a grande Garbo.

Nesse filme o diretor abusa um tanto do perfil dela de queixo para cima, num *show* de pescoço interminável. Fita velha é o diabo, e começo a reparar coisas que atrapalham: os cílios postiços são grossos demais, a pintura da boca dá um excesso de contraste, o lábio superior foi deixado muito fino. Ainda bem que não se pôde alterar o ângulo curvo do maxilar, o desenho da orelha e a escultura do nariz, tudo magistral. Mas a mulher, como um todo, continua a me deixar perplexo e evasivo.

Além disso não gosto da história, que é grosseira como moral social (como se fala em dinheiro!) e triste; desculpe-me com a dama que me acompanhava, e que não era das camélias, mas me pareça infinitamente mais interessante e tem a vantagem de ter hoje a idade que a Garbo tinha naquele tempo. Saí do cinema, fui dar uma espiada no boliche embaixo do Pax, tomei um café, fumei um cigarro, fiquei ouvindo o bate-papo dos porteiros, tudo fazendo tempo para a bela do filme falecer e a minha amiga sair do cinema. O que foi uma boa solução, não só para mim como também para o John Armand Gilbert Duval, afinal de contas, pensando bem, pois aquela senhora, francamente!